

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

96)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 2, 1839)



ALBANEZES.

A ALBANIA, entrando no quadro do imperio ottomano, é uma provincia, banhada pelas aguas do golpho de Veneza, e que comprehende a Illyria e o Epiro dos antigos gregos. Querem alguns que os habitantes modernos desta região descendam da raça dos Scythas; e assim o inculca o valor, robustez, audacia, e inclinação para o roubo de que são dotados. Não ha compendio d' historia romana, onde se não faça menção das guerras de Pyrrho contra os romanos, em auxilio dos tarentinos. Pyrrho era rei da Baixa-Albania, chamada então o Epiro; as suas expedições á Italia enfraqueceram muito os seus estados, que por fim vieram a cair nas mãos dos macedonios, e ultimamente nas dos romanos, quando estes subjugaram a Grecia. Porém, não obstante sua varia fortuna, os albanezes conservaram sempre amor á independencia, e caracter guerreiro: na queda do imperio defenderam valentemente o seu paiz contra as irrupções dos barbaros septentrionaes. No seculo decimo quinto, o famoso Scanderberg, um de seus mais illustres capitães, susteve por vinte annos a liberdade da Albania contra os numerosos exercitos ottomanos. Verdade é que o montanhoso e aspero do paiz o ajudava infinitamente na defeza; e a historia de todos os tempos mostra immensos exemplos do vigor, pertinacia, e feliz successo com que os povos montanhezes, em paizes e epochas differentes, mantiveram contra os ataques dos estranhos, ou o furor dos tyrannos, os seus livres direitos e a independencia dos seus territorios.

VOL. III.

A discordia, e as ambições internas fraccionaram em pequenos dominios toda a Albania; e então foi facil aos turcos conquista-la. Uma vez sujeita á sublime Porta, principiou o sultão a extrahir desta provincia soldados, que compõem a tropa mais escolhida de seus exercitos. As guardas dos pachás de mais representação são de albanezes, por serem homens de valor, e decisão, junctando a estas qualidades boa estatura, e um trajo militar esplendido, que tem servido de norma aos principaes officiaes da milicia ottomana. As armas de que usam são adereçadas com peças de metaes preciosos; mas não se pense por este luxo que as trazem por mera ostentação; os albanezes sabem meneá-las nos combates com a intrepidez que lhes é natural.

Este povo tem figurado nas revoluções do Oriente, e é provavel que continue a representar na serie dos acontecimentos futuros: daremos por isso alguma noticia de seus usos e caracter nacional.

Os albanezes não sentem muitas necessidades: pouco sensiveis ás variações da atmospherá, passam vida laboriosa em todas as estações do anno; os seus alimentos triviaes são, leite, queijos, vegetaes, azeitonas, carnes em pouca quantidade, peixe, ovos, e pescado salgado: umas vezes fazem uso de pão, outras contentam-se com o trigo e milho cosidos. Variam nas bebidas, mas pelo commum gastam vinho. Habitam geralmente em casas baixas, e dormem em esteiras ou mantas. Os moradores das cidades, que desfructam melhores alojamentos que o povo dos

campos, também tem melhor passadio; e appresentam em suas mesas cordeiros e leitões assados, aves caseiras, varias especies de caça, fructos, e excellentes vinhos; o seu pão é bom, e bem fabricado; e o azeite, condimento essencial em todos os seus guizados, é do melhor que se conhece; finalmente, usam do café; e os rosasolis de Italia, os licôres das ilhas Jônicas, tem entrada nos ricos mosteiros dos *Calenderes* [religiosos gregos].

A gente vulgar veste pannos grosseiros. Não gastam roupa branca, e se a trazem, só a tiram em pedaços; circumstancia por onde se póde inferir que o accio não é muito. São os albanezes sobrios, em suas viagens ou longos trabalhos, contentando-se nestas occasiões com umas papas de farinha d'arroz adubadas com manteiga. O canto, a dança, a jovialidade, os recreiam, e restabelecem de suas fadigas: é raro, por isso, ver um rancho de soldados, por pequeno que seja, sem o seu tocador de bandolim, ou menestrel, e ás vezes um contador d'historias encarregado de divertir a companhia.

O habitante da Alta-Albania cultiva os seus campos e vinhas, e colhe azeitona; corta, nos bosques, os carvalhos para madeiras, e as transporta ás paragens da costa mais proximas. Os sagoriatas, no meio das montanhas, levam uma vida patriarchal: ditosos com seus costumes singelos, e com as produções da terra, satisfeitos com os tectos rusticos, a cujo abrigo nasceram, quotidianamente erguem as mãos ao ceu para lhe pedir a permanencia e tranquillidade dos seus pobres domicilios; e a voz de seus ministros só repete canticos de paz e de amor. É, porém, esta uma pequena parte da povoação do interior da provincia: todos os mais tem as inclinações guerreiras, que lhes grangearam fama, sem, comtudo, abandonarem os cantos e folias de que muito gostam.

A estatura commum dos albanezes regula por cinco pés; são musculosos; bem ossificados, bem feitos, sem gordura consideravel, ageis e robustos, com boa côr, e dentes alvos. Seu temperamento é entre sanguineo e bilioso; finalmente são dotados da constituição mais propria para as fadigas, e expedições remotas: encontram-se, por isso, por todo o imperio turco, desde as margens do Euphrates até a foz do Dino, e até pelo Egypto, e estados berberescos. Os turcos os denominam *arnautas*, e os tem pela sua melhor milicia. Mas se nas fileiras o albancz é bom soldado, também nas companhias de salteadores é destemido e audaz; e tanto se gaba dos seus feitos de armas nas campanhas, como das proezas de ladrão d'estrada. As mulheres destes homens ferros são rijas, vigorosas, e supportadoras das fadigas, como elles; ajudam aos trabalhos campestres, vestem burel, dormem sobre a terra, com o unico resguardo de suas esteiras, e soffrem as intemperies e rigores das estações, como seus maridos e filhos.

Afóra a valentia natural dos albanezes, professam estes homens uma certa franqueza, pouco vulgar nos orientaes com quem lidam. Despresam os turcos, e não lh'o escondem, razão porque tem em pouco prego tudo o que lhes vem de Constantinopola. Turco, para elles, é synonymo de cobarde. Não são affeitos a dissimulações; incapazes da astucia mussulmana não afagam hypocritamente aquelles que intentam arruinar, ou que detestam do fundo d'alma; pelo contrario declaram o seu odio abertamente, e se juraram a perdição d'alguem, não deixam de lhe communicar francamente esta resolução.

Tão máus mahometanos, como valorosos, practiçam negligentemente as ceremonias externas do seu culto, e sendo uma parte sectarios do Aleorão, ou-

tra parte scismaticos gregos, os primeiros tanto caso fazem do propheta como do Salvador, e os segundos pouco mais seguros são na sua crença. Por isto os encoimam de incredulos e de irreligiosos, e o nome d'albancz, entre os orientaes, equivale a máu-crente.

Pouco ciosos, não fecham, como os mais da sua communhão, as mulheres á chave: estas se encontram nos campos sem veus e sem constrangimento. Nunca entra em seus cazamentos o interesse; e consummado uma vez o matrimonio é raro seguir-se-lhe o divorcio, aliás tão facil e frequente entre os mussulmanos. É também raro ter um homem mais d'uma mulher, sendo-lhe permittida pela sua religião a polygamia; o costume contrario é para os opulentos e nobres um dever d'etiquetta a que se submettem, mais por fausto que por gosto.

Concluiremos dizendo que em toda a parte, onde quer que os albanezes se encontrem, hão-de ver-se reunidos e formando rancho em separado dos outros povos; que em toda a parte ostentam seu orgulho nacional, conservando obstinadamente a lingua esclavonia, e permanecendo, apesar das distancias e da expatriação, sempre albanezes e soberbos com este nome.

A EDUCAÇÃO E O ESTADO.

A COUSA, realmente, mais importante que ha a considerar na nossa actual reorganisação social é a educação publica. A razão, tirada de nossa intima consciencia, demo-la nós no artigo que o anno passado escrevemos sobre os asylos de primeira infancia — e é, que esta geração já vae perdida; que aos legisladores e ao governo incumbe salvar a que vem apoz nós, e que essa só poderá ser melhorada e salva por via da educação publica.

Não será por certo, com augmentar ou diminuir tributos, mudar ou conservar empregados, rever ou compor codigos, alterar ou restabelecer estas ou aquellas instituições politicas, que a nação se regenerará. Dizemos mais: não é da abertura de canaes e estradas, do acrescimo das exportações, do fomento da industria, que depende a felicidade futura do povo: — é da educação. Illustre-se, civilise-se, aprenda a conhecer o que lhe convém, renasça nelle a boa-moral, e a antiga virtude portugueza, que depois será o proprio povo quem, sem socorro do governo, e até apesar do governo se preciso fór, abriará canaes e estradas, melhorará a agricultura, augmentará o commercio, aperfeigoará a industria. O verme que roe a arvore social está no tronco; e só pelos ramos tem andado o podão. Largae o ferro, e tractae de cultivar a vergontêa que rebentou da terra, juncto á arvore carcomida; limpae-a e amparae-a do destruidor suão da immoralidade e da ignorancia; que a velha planta, essa viverá com seu mal até secar de todo. Alguns politicos imaginarão porventura, que empregando a violencia e a oppressão para reanimar as artes e as manufacturas, ellas se reanimarão. Este pensamento traduziu-o o Marquez de Pombal em actos governativos: — e o que succedeu? — Os progressos mentidos caíram com o homem que os julgou possiveis: assim devia acontecer; assim acontecerá sempre, em quanto o artifice, o fabricante, o lavrador, attentos só a tirarem o maior proveito das leis que os protegerem exclusivamente, com detrimento e á custa dos outros cidadãos, não conhecerem que a unica maneira de alcançarem uma prosperidade solida consiste, não em encostarem-se, involtos no seu atrazamento e ignorancia, á sombra da lei; mas em aperfeigoarem o genero de industria que cultivam, e tornar os pro-

ductos della eguaes aos da industria alheia. Estas idéas luminosas, porém, só se estampam em animos tenros: aquelles que chegaram á idade viril, transviados por opiniões erradas, é preciso — com magoa o dizemos — deixa-los entregues ao seu peccado: não opprimir os outros para os salvar a elles: — porque para elles já não ha salvação. Olhae para o papel sobre que isto lêr-des: lembrae-vos de que é portuguez: e applicae ao concreto, ou a um caso determinado, o que em geral dissemos.

E tão arida e espinhosa a politica; e, acaso, tão falsa a maior parte das vezes, que nos custa, em verdade, o fallar della. Procederá isto, tambem, do nosso pouco saber na materia? — Procederá, talvez. Não passaremos, todavia, ávante sem apontarmos o que nos parece a causa de grande parte dos males publicos — um erro commum dos nossos politicos. Entre elles ha muitos que sinceramente desejam a regeneração de Portugal: — cremo-lo; que se o não cressemos fugiriamos de um paiz para sempre perdido. Entendemos, porém, que não acertaram ainda a achar o modo de levar a cabo seus bons desejos, não por falta de engenho e de sciencia; mas por falta de boa philosophia. Notemos o dissertar de periodistas, o discursar de deputados, o providenciar de governos, quando apparece um mal publico, quando se sente a necessidade de uma refórma: chovem as observações, os commentos, os alvitres, e por fim as leis sobre o caso: vê-se muitas vezes que ha vontade sincera de acertar; mas não se acerta. E porque? — Porque a lei ou a providencia foi resultado de observações especiaes sobre a materia, e por consequencia desconnexa, individual, não modificada por considerações relativas a outros objectos, que tambem era necessario considerar. Onde vae, pois, o erro? — Em andar a politica do envez: em se estudar a sciencia de administrar e reger os povos syntheticamente, e applicar-se analyticamente. Politicos haverá, que nunca saíssem das cidades, e, nas cidades, de aposentos dourados. Ahi lêram e estudaram theorias de escriptores estranhos e naturaes; depois fecharam os livros, e redigiram periodicos, sentaram-se nas cadeiras de legisladores, ou tomaram a pasta de ministros, e confiados esperaram que os casos especiaes de arrasoar, de legislar ou de providenciar se lhes apresentassem: appareceram esses casos, e cuidando provê-los de remedio, applicaram-lhes palliativos, quando os não peioraram. Esta é, em summa, a historia das nossas refórmas. E era isto o que se devia ter feito? Ousaremos dizer que não. Deviam-se ter analysado todos os factos sociaes do paiz, e desta analyse chegar a uma synthese — a um corpo geral de doutrina politica — e applicar esta, voltando outra vez aos factos, na sua totalidade: mas é o contrario disto que justamente se fez: — d'ahi vem todos os nossos damnos, e a febre moral que nos consume — o desesperar da liberdade.

Mas para que veio isto aqui? — Para que nos empégamos — nós profanos — no brejo aridissimo da mysteriosa politica? — Porque nos parece que se o methodo apontado se houvera seguido ter-se-hia achado que, em lugar de querer anniquilar o passado, só por ser antigo, mais avisadamente andariamos se attendessemos ao futuro: porque nos parece que teriamos conhecido que, atirados, nós homens de velhos habitos e velhas idéas [somo-lo, ainda que não o queiramos acreditar] a uma epocha de transição, condemnados estamos a deixar escoar nossa vida no meio da lucta da antiga sociedade, que morre, e da nova sociedade que a assassina; porque nos parece, emfim, que teriamos entendido que a nossa principal missão é crear a raça vindoura para a organisa-

ção social a que a Providencia a destinou. E como cumprimos este dever — porque é um dever para cada geração o seguir seus destinos no progresso do genero-humano — senão fôr empregando todas as nossas forças intellectuaes em estabelecer um systema de educação publica, tal que a geração, que vem apoz nós, seja concorde com a fórma de existencia social que a aguarda? — Suppoem a liberdade em seus filhos educação liberal: — e onde está esta? Quebrando os idolos da superstição, tinheis ahi um povo religioso, que, refreado pelo amor da virtude, não carecesse do temor do diabo, para respeitar a moral universal? Dizendo ao povo, julgae-vos uns aos outros segundo vossa consciencia, pensastes que ella a ninguem faltava? — Dando inteira e plena licença de discutir na praça os negocios publicos, vistes lá populares capazes de avaliarem o que era conveniente e honesto? Fazendo gemer a imprensa com tantas folhas volantes, e folhetos, e livros politicos, examinastês se cá por nossa terra havia quem soubesse lêr? Não: nada disto tinheis, nem pensastes, nem vistes, nem examinastes. Então que fizestes? — Enxertias extemporaneas em tronco podre de arvore meia secca. E esperais que a vergontêa dê flôr e fructo? —

Não. — Morrerá.

Quereis regeneração social? — Preparae para ella corações tenros com uma educação analoga a seus destinos. Este deve ser o grande pensamento de quem trabalha pelo bem da sua patria; á roda delle, e a elle subordinados estejam todos os outros; esteja, até, o curar do presente; porque este altera-se, modifica-se, melhora-se; mas só o futuro verá o complemento da renovação politica, se educardes para ella a mocidade.

Fieis a este pensamento, e persuadidos de que este é o primeiro objecto a que devem prestar attenção os corpos colegislativos, requeremos-lhes, em nome da felicidade nacional, que provejam quanto antes na organização e manutenção do ensino publico, tão despresado ainda no nosso paiz: para isto não basta legislar sobre a *fórma*; mas tambem legislar sobre os *meios*; que só assim a educação se transformará em um factio, e deste factio nascerão a paz e a prosperidade publica.

Cerraremos este breve artigo com uma passagem notavel da *Politica* d'Aristoteles que resume em poucas palavras a doutrina, fundamental ainda hoje, ácerca de tão importante objecto.

“ Não é materia sobre que se dispute a obrigação especial que tem o legislador de prover na educação da mocidade; porque, *não se tractando disto, em qualquer estado, d'ahi vem a ruina das suas instituições*. . . . Seja qual fôr a occupação ou arte a que alguém se destine deve receber não só a instrucção necessaria para exercitar seu mister, mas tambem a de que carece para se pôr em caminho de exercitar a virtude. Visto que o fim do estado é *um*, claro está que a educação deve ser *uma só*, e necessariamente a mesma para todos. . . . Nos negocios que dizem respeito ao commum da republica as leis que os regulam devem ser geraes; e dos cidadãos nenhum pertence a si proprio, mas todos á sociedade: porque cada um delles é uma parte do estado, e a superintendencia da parte tem a mais intima connexão com a superintendencia do todo.

LOBOS NA INDIA.

SEGUNDO o *Asiatic Journal* de Julho de 1833 são todos os annos, na India, devoradas muitissimas crean-

gas pelos lobos: só nos arredores de Agra morreram assim mais de quatro mil em menos de quatro annos. Uma superstição popular é a causa de se não destruírem animaes tão nocivos: os indios accreditam, que qualquer aldêa, onde se derramar o sangue de um lobo, se tornará brevemente deserta, e que os manes das creanças devoradas pelo lobo perseguirão quem o matar. Por isso, os indigenas, quando apanham algum, contentam-se com atar-lhe uma campainha ao pescoço, como uma precaução, para que possam guardar-se d'elle quando se approximar de povoado.



A MANDRAGORA.

(*Atropa Mandragora.*)

Esta planta venenosa, da ordem natural das solanaceas, que nasce em muitas localidades da Europa meridional, e é vulgar no archipelago grego, occasionou pela fórma das suas raizes uma singular e absurda crenga, na antiguidade. Julgaram descobrir nestas raizes grossas e carnudas, que pela maior parte terminam em duas ramificações tambem grossas, alguma analogia com o tronco do corpo humano; e desta remotissima semelhança inferiram, sem mais exame, que a planta era dotada de sensibilidade animal. Avultaram as fabulas a respeito de um individuo tão prodigioso: a sua virtude nos philtros amorosos foi proclamada com enthusiasmo, e quem não queria morrer sem posteridade devia recorrer ao uso externo da raiz da mandragora. Mas que difficuldades para a obter? — O sensível vegetal, no acto de o arrancarem, exhalava gemidos tão lastimosos que ninguém podia resistir-lhe; e se havia coração tão de bronze, que desprezasse estes clamores, certa tinha a ruina, quando ao arrancar a planta prescindisse de certas formulas mysteriosas. “Traçae [diz Theophrasto] um circulo á roda da raiz com a ponta de uma espada, repeti durante esta operação palavras magicas; depois amarrae o talo da planta com a ponta de uma corda, que prendereis pela outra ponta ao pescoço de um cão, fustigae bem o animal, que, fugindo, arrancará por esta fórma a raiz: se desprezardes estas precauções indispensaveis, vos expondes aos maiores

perigos.” — Semelhante receita indicou tambem o historiador dos judeus, Josepho, para a extirpação da planta baaraz, que, segundo o vulgo, tinha a virtude de afugentar os espiritos malfazejos. Parece incrivel como escriptores graves prestaram fé a taes babozeiras; mas tanto podia a influencia da epocha, e o amor do maravilhoso.

Todos pódem arrancar a mandragora, sem a ouvirem, e sem quebra de sua fortuna; de todas as suas virtudes apenas lhe resta a narcotica, como medicamento, ainda que pouco usado. O cheiro da mandragora é máu, e nauseabundo.

A especie sua congenera, *atropa belladonna*, tem hoje varias applicações na arte de curar.

ORIGEM DAS CALÇADAS.

Nos tempos mais remotos a policia e concerto das ruas e estradas eram mui casuaes e incertos. É provavel que nas cidades antigas as primeiras tentativas de calçar os caminhos fossem feitas pelos ricos, diante das suas habitações. Entre os povos do Oriente, posto que as cidades fossem edificadas com grande luxo e magnificencia, não era, todavia, preciso prestar grande attenção ao estado das ruas, porque sendo alli as neves e gélos quasi desconhecidos, e havendo chuvas só em uma estação do anno, a terra, ou chão batido das ruas, estava menos sujeito a arruinar-se, como succederia nas modernas cidades da Europa, incomparavelmente mais humidas.

As cidades commerciaes foram as primeiras que adoptaram o costume de calçar as ruas publicas. Em Carthago alcançaram os romanos a primeira idéa da importancia deste melhoramento, e a cidade de Roma gradualmente se foi calçando. Refere Josepho que os judeus propozeram a Agrippa, depois que se acabou a reedificação do templo, empregar os trabalhadores, que já não eram necessarios naquella obra, em calçar as ruas de Jerusalem; e no Talmud se lê que ellas eram limpas todos os dias.

As ruinas d’Herculaneo mostram que as ruas desta cidade eram calçadas com lava, tendo passeios altos por um e outro lado para a gente de pé.

O governo dos sarracenos, ou mouros, nas Hespanhas, nos primeiros tempos da idade média, é notavel por muitos melhoramentos, que elles fizeram, tanto no que dizia respeito á cultura intellectual, como ao tracto do commercio; melhoramentos que ainda eram mais admiraveis pelo contraste que faziam com o atrasamento do resto da Europa, involta então nas trevas da barbaridade. Entre aquelles melhoramentos se póde contar o haver Abderrahman 2.^o, quarto califa d’Hespanha, lageado ou calçado as ruas de Cordova no anno de 350.

Este resto de civilização mourisca parece que não se perdeu de todo para os christãos vencedores dos sarracenos. Entre nós se acham vestigios de terem sido calçadas algumas ruas de antigas povoações, e disso se encontra expressa menção no codigo affonsino, onde, fallando dos deveres dos vereadores dos concelhos, se diz que lhes cumpre “Saber como os caminhos, fontes e chafarizes, pontes e calçadas, e barreiras, são reparados, e os que cumprir de refazer e adubar e correger, manda-los fazer e reparar, e abrir os caminhos, e testadas, em tal guisa que se possam bem servir por elles.”

Conta-se que em Paris se introduzira o uso das calçadas em 1184, mas em Londres parece que ellas só se começaram a fazer em 1417.

A origem das calçadas na cidade de Augsburgo, em Alemanha, se póde tomar como typo do que suc-

O PANORAMA.

cedeu nas demais cidades ou povoações. Hans Gwerlich, mercador abastado, mandou fazer um passeio diante de sua casa, em 1415: isto mereceu tanto a aprovação dos outros cidadãos, que, passado pouco tempo o governo mandou calçar toda a cidade.

É obvio que o calçar as ruas não basta para se conservar a limpeza; porque as immundicies, accumuladas sobre a calçada, ainda tornam o aspecto de qualquer cidade mais hediondo. Por este motivo, desde tempos antigos, tem havido perpetuas dissensões entre os habitantes das povoações e as auctoridades municipaes, por causa do aceio das ruas. De semelhantes questões foi París muitas vezes theatro. Depois que a cidade se calçou, cada habitante ficou obrigado a conservar limpa a sua testeira; mas esta postura por tal modo se despresou, que, no 14.º seculo, as ruas estavam entulhadas. Em 1348 fez-se uma lei, para restabelecer a antiga policia, e em 1388 pozeram-se grandes penas aos contraventores della. Então os habitantes da cidade se dividiram em communas, para assoldadar gente que tirasse as immundicies. Todavia os nobres não fizeram caso da lei, do que se originou que as praças que havia diante dos seus palacios ficaram sendo uma especie de monturos. Uma lei posterior obrigou todos, sem excepção, a cumprir com este dever publico; mas, por fim, o governo adoptou o unico meio efficaz de conservar a limpeza, fazendo disso uma empresa nacional: contractou, portanto, com uma companhia que se encarregou desse mister, por certa quantia, que a principio foi de 70:000 libras tornesas por anno.

Sauval, na sua historia de París, refere uma circumstancia, que occorreu nesta cidade, muito antes dos acontecimentos de que temos fallado, que mostra conjunctamente o desaceio das ruas naquelle tempo, e o poderio dos ecclesiasticos. Passando elrei Philippe, acavalio, pela rua de S. Gervasio, a dois d'Outubro de 1181, uma porca atravessou por entre as pernas do cavallo, fe-lo tropeçar, e elrei caíu com tanta violencia, que morreu no outro dia. Em consequencia deste lastimoso successo, saíu uma ordem para se não consentir que andassem pelas ruas manadas de porcos; mas a isto se oppoz o abbade de S. Antão, argumentando que era perder o respeito, devido ao seu sancto patriarcha, o impedir que os porcos do mosteiro gozassem da prerogativa de passearem por onde mais conveniente lhes parecesse. Isto fez com que se concedesse ao clero um privilegio exclusivo para que ás suas manadas de porcos fosse licito fossarem pelos monturos da cidade, sem coima, uma vez que cada membro daquella respeitavel familia trouxesse uma campinha ao pescogo.

Em varias outras cidades da Europa, como se viu que era quasi impossivel obrigar os moradores a limpar cada qual a sua testeira, este trabalhoso encargo se lançou sobre os hombros daquella gente que se tinha por de mais baixa esphera: n'umas partes eram a isso obrigados os surradores; n'outras os ajudantes do algoz; e em muitas, este mister se ajunctava aos muitos outros vexames, que com mão larga se faziam aos judeus. Porém o modo de fazer limpar as ruas, talvez mais extravagante, foi o que se adoptou em Berlin, em 1671, ordenando-se que todo e qualquer camponez, que trouxesse generos ou hortaliças á praça, devia sair da cidade com um cesto ás costas cheio de immundicies.

O gradual augmento do uso de calçar as ruas das cidades populosas, em tempos modernos, é tão geralmente sabido, que não carece de ser historiado.

geita-se a que todos o vejam atravez de um microscopio. — *Lavater.*

A PEIOR ESTRADA DO MUNDO.

As MONTANHAS chamadas Hymalaias são as mais altas do globo: jazem na extremidade das elevadas planicies ou steppes da Tartaria: a sua extensão, desde as fontes do Ganges até ás de Bramaputra, é de 1:400 milhas: as cordilheiras agrestes que as coroam teem de largura 50 a 60 milhas, e estendem-se desde a Persia até a China: os seus picos mais elevados excedem em altura o dobro dos pontos mais altos dos Alpes. Apesar de tão desconformes e intractaveis, ha uma passagem dos sertões da Asia para a China atravez destas montanhas; mas é essa a estrada mais trabalhosa que se conhece no mundo. Até Sutlje, perto de Wangton, o caminho atravez das serras nada tem grandemente notavel; mas neste ponto já para seguir ávante é necessario que os passageiros subam por escadas de corda. O caminho, d'ahi por diante, endireita ao norte, e vae subindo até a altura de 11:000 pés. Neves eternas cobrem as regiões mais altas desta vasta cordilheira de montanhas. De tempos a tempos porções desconformes daquelles alcantás desabam com horrivel ruído na profundeza dos abysmos, arrastando comsigo quantos rochedos encontram. Quando se chega a altura de 15:000 pés, já custa a respirar: sente-se grande canção, vertigens, e sede insaciavel. É impossivel descrever as sensações que produz a extrema rarefacção do ar: parece que o alento acaba a todos os momentos: a respiração se accelera de um modo penosissimo, e a elasticidade da pelle diminue. O ponto mais alto da passagem é de 16:500 pés acima do nivel do mar, e as montanhas que lhe ficam sobranceiras teem 18:500 pés. Conforme se vae chegando á fronteira da China, o territorio muda pouco a pouco de aspecto: até Ladak apparece alguma vegetação enfesada; mas o viajante caminha sempre por entre rochedos, de que se desarreigam pedaços que lhe põem a vida em risco, e elle não faz senão subir e descer, ora tremendo de frio, ora abafando de calor. Muitas vezes vê-se na necessidade de subir por frageis escadas, pendurado por horrendos abysmos, ou a passar torrentes agarrando-se a troncos de arvores, que balouçam á mercê do vento.

O DAKHEIL.

QUANDO um beduino corre risco de ser privado da liberdade, roubado, ou é ameaçado de morte por algum inimigo, e chega a poder tocar em qualquer parte do corpo de outro arabe da tribu inimiga, ou em algum objecto animado que esteja em contacto com elle, ou, em fim, ao menos a cuspir-lhe na cara, dizendo Ana-Dakheil-ak (ponho-me debaixo da tua protecção) este protector forçado deve infallivelmente defende-lo, e fazer com que seja posto em liberdade. Quando um arabe está prisioneiro, os seus parentes e amigos recorrem a toda a casta de artificios para o libertar. É este um costume consagrado, a que se chama *dakheil*. Muitas vezes um desses parentes se disfarça em mendigo, introduz-se por este meio no campo inimigo, aproxima-se do logar, onde elle está deitado, e mette-lhe na boca, ou atalhe ao pé a ponta de um novello, que desenrola pouco a pouco, e vae metter nas mãos do beduino que dorme na tenda mais proxima: acorda-o então, e diz-lhe: "Olha para mim: — nome de Deus te rogo, que tomes isto debaixo da tua protecção." O beduino, que

QUEM se deixa colher em um accesso de colera, su-

logo percebe estas palavras, ergue-se, vae atraz do fio, chega á tenda do prisioneiro, acorda o seu *rabat* ou senhor, mostra-lhe o fio, e declara-lhe que o toma captivo por seu *dakheil*. No mesmo instante este é solto das prisões, tractado como amigo, e da-se-lhe licença de voltar para a sua tribu.

O CAÇADOR FERUZ.

(Traduzido do alemão de Burger.)

Sua buzina tocara

O conde, altivo senhor:

“ De pé, de cavallo, á alerta! ”

Disse: — e monta o corredor.

O nobre animal relincha:

Pula e parte — e a turba apoz:

Ei-los vão! — Quem era o conde?

Era o caçador feroz.

Por estevas e por çarças,
Por campinas cultivadas,
Voam rapidos — ressoam
Motejos, gritos, risadas.

O sol que vinha rompendo
Em luz as veigas banhava
E do zimbório do templo
O lanternim scintillava.

Tim, tlão! — convocando á missa
Tangia o sagrado sino
E involto no som dos orgãos
Do côro se ouvia o hymno.

Duas sendas lá se cruzam;
E a turba chegara lá:
Da direita um cavalleiro,
E outro da esquerda está.

Nedio ginete, qual neve
Alvo, guiava o primeiro;
O segundo a redea solta
Esporeava um fouveiro.

Quem taes cavalleiros eram
Creio certo adivinha-lo;
Bem que ainda com certesa
Não me atreva a declara-lo,

Da direita ao cavalleiro
Fulgia o rosto formoso;
Porém no olhar do da esquerda
Fulgor havia horroroso.

“ Bem vindos sois, cavalleiros,
Bem vindos á montaria!
Qual prazer, no ceu, na terra
Ao nosso se igualaria! ”

Assim disse o conde — e rija
Palmada na côxa deu,
Atirando pelos ares
A grande altura o chapéu.

“ O som da tua buzina —
Tornou logo o da direita —
Nem aos canticos do côro
Nem do sino ao som se ageita. ”

“ Ruim caçada te espera —
Atraz te cumpre voltar:
Contra ti a ira celestes
Não queiras desaffiar. ”

“ Nobre conde monteae —
Prestes o outro atalhou —
Que importa a bulha do côro
E se o sino badalou? ”

Deixae ao povo o seu medo;
Que para a relé foi feito:
Não são palavras sandias
Das que merecem respeito.

“ Ah, bem dicto! — oh tu da esquerda
Um heroe és quanto a mim
Só padrenossos empecem
A algum caçador ruim!

“ Que tem missas, que tem resas
Com o caçar? — diz, sandeu!
Se medo queres metter-me
Falhou o calculo teu. ”

Disse o conde. — Avante correm;
Vão por campinas e outeiros
Sempre da direita e esquerda
Estão os dois cavalleiros.

Eis lá em distancia um cervo
Branco transpoem a assomada,
Tendo de pontas galhosas
A erguida fronte adornada.

Então o conde a buzina
Com mais alento assoprou
E tudo, a pé, a cavallo,
Com mais rapidez vòu.

Ora dos que por diante,
Ora dos que de trás vão,
Um ou outro arrebetado
Fica no meio do chão.

E o conde: — “ caem? — No inferno
Baquear podesseis vós! —
Os que desalentam fiquem:
Sem elles bem vamos nós. ”

N’uma seara, guarida
O pobre cervo buscou;
Então o dono do campo
Triste ao conde se chegou:

“ Meu bom senhor, clamou elle,
Compaixão, meu bom senhor!
Ah poupae mesquinhos fructos
De um abundante suor. ”

Da direita o cavalleiro
O conde amoestou então:
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão.

Mas o da esquerda atijando-o
A’ maldade perpetrar,
Despresou o da direita
Para o da esquerda o enredar.

“ Fora cão! — ao camponez
Grita o conde esbravejando —

- Quando não, com mil diabos,
Soltar-te a matilha mando. ”
- “ A’lerta, socios! — o açoute
Pelas orelhas chegae-lhe;
E que sou fiel ás juras
Dessa maneira provae-lhe. ”
- Dicto e feito. — O conde salta
Por cima os valles fronteiros;
E atraz delle estrepitando
Homens, cavallos, balseiros.
- O tropel com grita horrenda
Pisa e destroe a seara; —
Que ninguem do lavrador
Dorido choro escutara.
- Pelo estridor acossado —
Que já bem perto o sentia —
O cervo os crueis intentos,
Veloz fugindo, illudia.
- Atravez de montes, valles,
Perseguido e não tomado,
Manhoso se foi metter
Entre um rebanho de gado.
- Entrando do campo ao bosque,
Saindo do bosque ao claro,
Seguiram-no os cães, e em breve
Lhe acharam da pista o faro.
- Cheio de angustia o pastor,
Por seu rebanho temendo,
Por terra se arremessou
Aos pés do conde tremendo.
- “ Deixae meu pobre rebanho,
Senhor tende dó de mi:
De muitas tristes viuvas
O gado retouça aqni. ”
- Cada qual das pobrezinhas
Tem das rezes uma só:
Eis toda a sua riqueza:
Senhor, tende dellas dó. ”
- Da direita o cavalleiro
O conde amoestou então:
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão:
- Mas a maldade do conde
Sempre atigava o da esquerda,
E do bom rindo do aviso
Corria á ultima perda.
- “ Cão! — a mim oppor-te queres?
As contas vou-te eu fazer.
Quem me dera entre essas vaccas
Comtigo as taes velhas ver. ”
- “ Que seria o mais suave
Prazer do coração meu
Montear-vos mesmo ainda
Pelas campinas do ceu. ”
- “ A’lerta, socios! — avante!
Cães! — avança! csê! perdido! ”
E os cães no mais perto que acham
Saltam com fero latido.
- O pegureiro por terra
Cae, em seu sangue banhado,
E sanguento o gado fica
Todo alli atassalhado.
- A’ morte escapou a custo
O veado, que fugia
Cada vez menos ligeiro,
N’uma floresta sombria.
- Cuberto de escuma e sangue,
Perdida a respiração,
Do bosque em meio salvou-se
No alvergue de um ermitão.
- Segue-o o tropel incansavel —
Estalla o açoute incessante —
Soam buzinas — retinem
Os gritos de = aboca! ávante! =
- O solitario piedoso
Da cabana então saiu
E ao conde com brando gesto
Taes palavras dirigiu.
- “ Senhor, deixa teus intentos,
E o sacro asylo venera:
A creatura ao ceu se queixa
Delle teu castigo espera.
- Aos bons avisos, oh conde,
Cede pela ultima vez;
Quando não na perdição,
Certo, abysmado te vês. ”
- Cuidadoso o da direita
Ao conde correu então:
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão.
- Mas o da esquerda atigando
Nelle o animo damnado,
Do bom apesar do aviso,
Ai! do máu foi enganado.
- “ Perdição! — Disso me rio: —
Não cuideis que eu tenha susto:
No terceiro ceu que fora
Me escapara o cervo a custo. ”
- “ Que me importa a ira divina?
Vae-te pregar ao deserto:
Teus sermões a montaria
Não farão falhar, por certo. ”
- Assim disse o conde — o açoute
Sacode; as buzinas soam,
Cse! — aboca! — Ui! de diante
Homem e cabana voam.
- Detraz corceis, homens fogem: —
Sons e gritos de caçada
Se esvaecem de repente
Da morte na paz gelada.
- Pavido o conde olha em roda: —
Tóca a buzina — não sôa:
Grita — em vão: — nada ouve; — o açoute
Vibra: mas no ar não tóa,
- Para um e para outro lado
O seu cavallo esporea: —

Nem para traz voltar pode,
Nem avante se meneia.

Então escurece emtorno: ---
Cada vez mais se ennegrece: ---
Qual sepulchro fica: --- ao longe
Bramir triste o mar parece.

Lá trôa voz de trovão! ---
Que era o que dizia a voz?
Era a sentença do conde,
Sentença medonha e atroz.

“ Genio infernal, atrevido
Contra Deus, homens e feras!
Das creaturas os gemidos
Ressoaram nas espheras. ”

“ Tuas maldades e insultos
Alto pedem punição,
Onde da vingança o facho
Ondea erguido clarão. ”

“ Malvado, foge! --- que os monstros
Do inferno te vão seguir.
Para que sejas exemplo
Aos tyrannos do porvir. ”

Qual d'aurora boreal,
Flavo pallido fulgor
Tingiu depois na floresta
Das folhas a verde cor.

Immovel, pasmado, mudo,
Gelido o conde ficou;
Da angustia o tremor dos ossos
A' medulla lhe chegou.

Frio susto pela frente
Contra elle arroja o terror:
Pelas costas o persegue
O trovão atroador.

O susto o gela --- o ceu ruge ---
Da terra vae-se elevando
Negra agigantada mão ---
Ora abrindo, ora fechando.

Pelos cabellos da frente,
Ai! --- quer o conde prender:
Elle atraz o rosto volta ---
Nem mais o pôde volver.

Em roda chammeja a terra
Verde, azul, vermelho fogo;
Delle um mar rodea o conde ---
Surge o inferno em peso logo.

Lá dos abysmos profundos
Saem mil mastins raivosos,
Que pelo averno açodados
Se tornam mais furiosos.

Toma alento o conde e foge;
Por montes, por campos vae,
Do seio arrancando a espaços
Do espanto terrível ai.

Mas por todo o largo mundo
Atraz d'elle ruge o inferno ---
De dia do orbe no centro;
De noite no ar superno.

Ficou-lhe a face voltada,
Por mais que avante corresse,
Sem que dos horridos monstros
Os olhos tirar podesse.

Eis como a caçada foi
Do tropel desenfreado,
A qual até nossos dias
Tão constante tem passado.

Que muitas vezes, durante
As horas da noite escura
Ainda ao dissoluto causa
Do medo o horror e amargura.

De bastantes caçadores
Podia a boca dizer-lo,
Se muito não lhe importasse
Callado comsigo te-lo.

Crescimento das plantas e flôres. --- As plantas crescem mais de noite, e em tempo nublado: ao meio-dia não teem crescimento nenhum. Entre a madrugada e o meio-dia, e entre o meio-dia e a noite, o crescimento é mui diminuto. As flôres, porém, crescem mais de dia, especialmente com a luz e calor dos paizes meridionaes. *Manual do Botanico.*

Receita para limpar perfeitamente os marmores e porcelanas. --- Preparar-se-ha um banho composto de uma parte de acido nitrico [agua forte] e de cincoenta partes de agua. Se o objecto fôr pouco volumoso, bastará mette-lo no banho, e quasi no mesmo instante sairá perfeitamente limpo, sem que seja necessario senão borrifá-lo com agua pura e fria, e pô-lo onde não esteja exposto á poeira. Com esta receita se tem dado o seu antigo valor a obras de grandissimo custo.

Pae dos velhacos. --- Havia antigamente em Lisboa uma especie de magistrado de policia, a quem se dava tal nome. Era o mister deste magistrado o indagar dos moços vadios que havia na cidade, ou a ella vinham ter de outras partes do reino, aos quaes devia prover de amos ou mestres que lhes ensinassem officios. A mesma casta de magistratura existiu na cidade do Porto, como se vê de uma provisão real, existente no cartorio da camara, e passada no anno de 1535. Por este documento consta que aquelle cargo era dado a um cidadão honrado, que por este serviço vencia certo ordenado, ou *mantimento*, pago por elrei.

DESGRAÇADO, desgraçado do atheu! Ralado pela fome e pela sede, busca alimento, busca o leite que ammamenta todas as creaturas; mas, no meio do tenebroso vacuo, aonde se atirou, não alcança, nem comprime senão os peitos aridos da morte! --- *Lamennais.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora
dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA --- NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.